



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR

CAMPUS DE JI-PARANÁ

DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA – DME

**UMA ANÁLISE HISTÓRICA A CERCA DO PROJETO JI-PARANAENSE DE
ENSINO MODULAR SERIADO- PROJAMS (1997 - 2001)**

Beatriz Rodrigues dos Santos

Ji-Paraná – RO

Julho de 2017



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR

CAMPUS DE JI-PARANÁ

DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA – DME

**UMA ANÁLISE HISTÓRICA A CERCA DO PROJETO JI-PARANAENSE DE
ENSINO MODULAR SERIADO- PROJAMS (1997 - 2001)**

Beatriz Rodrigues dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão julgadora da Universidade Federal de Rondônia – UNIR *Campus* de Ji-Paraná, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Matemática, sob a orientação do professor Me. Enoque da Silva Reis.

**Ji-Paraná
Julho de 2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

S237a Santos, Beatriz Rodrigues dos.

Uma análise histórica a cerca do projeto Ji-Paranaense de ensino modular seriado PROJAMS (1997 - 2001) / Beatriz Rodrigues dos Santos. -- Ji-Paraná, RO, 2017.

43 f. : il.

Orientador(a): Prof. Me. Enoque da Silva Reis

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1. História. 2. Matemática Escolar. 3. Programa Ji-Paranaense de Ensino Modular Seriado. I. Reis, Enoque da Silva. II. Título.

CDU 51(091)



**ATA DA SESSÃO DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos 20 dias do mês de julho de 2017, realizou-se no Laboratório de Matemática, no *campus* de Ji-Paraná, a 83ª Sessão de Apresentação e Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o título **UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA DISCIPLINA ESCOLAR DE MATEMÁTICA NO PROJETO JI-PARANAENSE DE ENSINO MODULAR SERIADO- PROJAMS (1997 - 2001)**, apresentado pela acadêmica **BEATRIZ RODRIGUES DOS SANTOS**. Os trabalhos foram instalados às 14:57 horas, pelo presidente da Banca Examinadora, aprovada pelo Departamento e constituída por: Prof. Dr. Marlos Gomes de Albuquerque (DME/UNIR), e Prof. Dr. Lenilson Sérgio Candido (DME/UNIR), sendo este o orientador da acadêmica. A Banca Examinadora, tendo decido aceitar o Trabalho de Conclusão de Curso, passou à arguição pública da acadêmica. Encerrando os trabalhos de arguição às 16:20 horas, a Banca deu parecer final APROVADA, com a nota 75 (setenta e cinco), resultado da média aritmética das notas individuais atribuídas pelos membros da Banca Examinadora. Proclamado o resultado final pelo presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos. Para constar, lavrou-se a presente ata, que é assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela acadêmica.

Observações e/ou correções recomendadas:

01- Mudança de Título

02- Correção ortográfica

Ji-Paraná, 20 de julho de 2017.

Prof. Dr. Marlos Gomes de Albuquerque
(Membro da Banca)

Prof. Dr. Lenilson Sérgio Candido
(Membro da Banca)

Prof. Me. Enoque da Silva Reis
(Orientador e Presidente da Banca)

Beatriz Rodrigues dos Santos
Acadêmica

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais: Osvaldo e Izabel que tanto me apoiaram em meus estudos, incentivando-me a buscar o conhecimento e ainda permitiram que eu saísse de baixo de suas asas para alcançar voos mais longes, e mesmo com a distância e ausências jamais deixaram de me amar e acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado paciência e serenidade no decorrer do curso, para que fossem superadas todas as barreiras e dificuldades e assim me fizesse chegar ao fim desta fase.

Ao meu orientador professor Mestre Enoque, que desde o início sempre incentivou as minhas pesquisas, dando ideias, questionando e até mesmo dando broncas. Mas, tudo isso me fez crescer como acadêmica e buscar sempre o melhor que eu pudesse alcançar.

A esta universidade, o corpo docente, direção e administrativo que possibilitaram a janela pela qual hoje vislumbro um horizonte superior.

As pessoas que colaboraram com a criação e desenvolvimento deste trabalho: minha amiga Jucielma que sempre estava por perto para me ajudar e me acompanhar nas pesquisas; meu amado namorado José Ailton que sempre me incentivou e me acompanhou na realização das entrevistas; o Professor Alberto e a Professora Betânia, que me refiro, desta forma por não poder citar seus nomes verdadeiros, agradeço imensamente por suas contribuições, seriedade e receptividade para comigo, pois seus testemunhos foram de grande valia nesta pesquisa; e todos meus colegas e família que mesmo indiretamente contribuíram para com a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso.

LISTA DE SIGLAS

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEEJA: Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos

DETRAN-RO: Departamento Estadual de Trânsito de Rondônia

GEPHEME: Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação Matemática Escolar

GHEMAT: Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática

HEMEP: História da Educação Matemática em Pesquisa

IBEP: Instituto Brasileiro de Estudos Pedagógicos

IFRO: Instituto Federal de Rondônia

PROJAMS: Projeto Ji-Paranaense de Ensino Modular Seriado

PRÓ-JIPA: Projeto Especial Rural Pró-Jipa

PROENCRO: Programa de Ensino Rural do Estado de Rondônia

SEMED: Secretaria Municipal de Educação

SEMEC: Secretaria Municipal de Educação e Cultura

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

UFMS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMT: Universidade Federal de Mato Grosso

UNESP: Universidade de São Paulo

UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo

UNIR: Fundação Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve o intuito de desvelar uma História a Cerca do Projeto Ji-Paranaense do Ensino Modular Seriado – PROJAMS entre os anos de 1997 a 2001, como era o dia a dia escolar segundo a visão dos professores que atuavam no Projeto na época. Tal objetivo se justificou pela necessidade primordial de se desvelar elementos históricos do processo de ensino e aprendizagem da disciplina de matemática na região a fim de proporcionarmos alguns conhecimentos referentes a fatos vividos na disciplina escolar de Matemática. Por se tratar de uma pesquisa na História da Educação Matemática, utilizamos como suporte teórico e metodológico as ideias advindas dos autores Marc Bloch (2001) e Jacques Le Goff (2003), e as escritas de Phelippe Joutard (1998) em relação à História Oral. As fontes de pesquisa foram: testemunhos, decretos, diários de classe e apostilas. Estas fontes nos levaram a conhecer uma história em torno do ensino da disciplina de Matemática no município de Ji-Paraná, fatos como, os profissionais ligados a educação, as metodologias, os livros e as ementas. E ao realizarmos a análise das fontes concluímos que durante os cinco anos de existência do projeto em que pesquisamos, em nosso entendimento, o mesmo obteve sucesso em seu objetivo de formar os alunos das comunidades rurais a nível Fundamental.

Palavras Chave: História; Matemática Escolar; Programa Ji-Paranaense de Ensino Modular Seriado.

ABSTRACT

This Course Completion Work (TCC) aims to unveil a History of School Mathematics from Project Ji-Paranaense of Modular Teaching Series - PROJAMS from 1997 to 2001. This objective is justified by the primordial need to unveil Historical elements of the teaching and learning process of the mathematics discipline in the region in order to provide some knowledge regarding facts lived in the school discipline of Mathematics. Because it is a research in the History of Mathematics Education, we will use as theoretical and methodological support the ideas coming from the authors Marc Bloch (2001) and Jacques Le Goff (2003), together with the concept of vulgata by André Chervel (1990) and the writings of Phelippe Joutard (1998) in relation to oral history. The sources of research were: testimonies, decrees, class diaries and handouts. These sources lead us to know a story about the teaching of Mathematics in the municipality of Ji-Paraná, facts such as professionals related to education, methodologies, books and menus. And in carrying out the analysis of the sources, we conclude that during the five years of existence of the project in which we are researching, in our understanding, it has succeeded in its objective of educating students in rural communities at Fundamental level. And such success can be observed from some characters (students) who have succeeded in continuing their studies coming to a university after finishing their courses and today they play important roles in the economy and in the school environment.

Keywords: History; School Mathematics; Ji-Paranaense Program of Modular Teaching Series.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	11
1.1 Revisão Bibliográfica.....	11
1.2 Conceito sobre História.....	12
1.3 Uma breve discussão: História Oral	15
1.4 Breve diálogo com Bloch, Le Goff, Chervel e Joutard.	20
1.5 Procedimentos da Pesquisa.....	21
2 ANÁLISE	24
2.1 Breve relato <i>a priori</i> PROJAMS.....	24
2.2 O PROJAMS em Números	25
2.3 O PROJAMS Qualidade de Ensino	31
2.4 Breve relato <i>a Posteriori</i> PROJAMS.....	35
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	38
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS.....	41

INTRODUÇÃO

O interesse em estudar Matemática se deu por minha afinidade com os números, afinidade esta que desde o ensino fundamental foi sendo cultivada no ambiente escolar. Após a conclusão do Ensino Médio, tive a oportunidade de ingressar em uma Universidade Federal e cursar Licenciatura em Matemática, mas para tanto foi preciso me distanciar de minha família saindo de meu Município natal Ministro Andreazza - RO, para ir morar no Município de Presidente Médici – RO, de onde a ida para a universidade era realizada mais facilmente, neste local morei por cerca de um ano e meio, depois me mudei novamente, mas desta vez fui para o Município de Ji-Paraná – RO onde está localizada a universidade em que realizo minha graduação.

Após um ano de curso, fui convidada a participar de um grupo de estudos sobre a História da Educação Matemática, o qual foi criado por meu professor na época e hoje orientador professor Mestre Enoque da Silva Reis, e logo após fui inserida no Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação Matemática Escolar (GEPHEME) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS, que tem como coordenador o professor Dr. Luiz Carlos Pais. Durante as pesquisas, discussões e desenvolvimento de trabalhos realizados pelo grupo, fui conhecendo cada vez mais a temática histórica que por mim até então era desconhecida, e por meio disto, acabei de certa forma me apaixonando pela temática.

Com base nas discussões e reflexões realizadas no grupo surgiu a ideia de pesquisar a Matemática Escolar no Município de Ji-Paraná, e, inicialmente, nos deparamos com três projetos educacionais distintos, sendo estes: Projeto Especial Rural Pró-Jipa (PRÓ-JIPA), Projeto Ji-Paranaense de Ensino Modular Seriado (PROJAMS) e Programa de Ensino Rural do Estado de Rondônia (PROENCRO). Na impossibilidade temporal de realizar uma pesquisa englobando ambos os projetos, surgiu então a necessidade de delimitarmos a pesquisa escolhendo um deles, sendo escolhido o PROJAMS, por ser o projeto que fez a transição entre o PRÓ-JIPA que foi um projeto de ensino modular seriado, para o PROENCRO que era um projeto de ensino regular.

Tendo como objetivo principal desvelar uma História acerca do Projeto Ji-Paranaense do Ensino Modular Seriado – PROJAMS entre os anos de 1997 a 2001. Tal objetivo se justificou pela necessidade primordial de se desvelar elementos históricos do processo de na região. Para conseguirmos alcançar tal objetivo, primeiramente foi

necessário seguir alguns objetivos específicos que nos levaram ao objetivo principal, são: 1) Caracterizar o ensino de Matemática presentes no Projeto Ji-Paranaense de Ensino Modular (PROJAMS). Esta caracterização se deu por meio de documentos como: decretos de leis e testemunhos orais; 2) Analisar materiais vinculados Projeto Ji-Paranaense de Ensino Modular. Esta análise foi realizada em uma apostila de matemática utilizada no processo de ensino e aprendizagem, em ementas curriculares e sistemas de notas; 3) Examinar as metodologias de ensino utilizadas pelos professores de matemática atuantes no processo de ensino no Projeto Ji-Paranaense de Ensino Modular, este objetivo procurou descrever a ação do professor diante do processo de ensino.

Este trabalho tem como base teórico-metodológica as ideologias de Jacques Le Goff (2003) que pode ser encontrada em sua obra intitulada *História e Memória* e na *Apologia a história*, ou, o ofício do historiador de Marc Bloch (2001), que foram pertencentes à escola dos *Annales*. Diante do aparecimento de testemunhas que pertenceram ao quadro de profissionais do PROJAMS e se dispuseram a participar de nossa pesquisa elegemos a ideias de Phelippe Joutard (1998) com sua obra *História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*, na intenção de construirmos um alicerce firme para lhe dar com os personagens que aqui chamamos de testemunhos.

Assim sendo o *rol* de fontes elegidas¹ por nós para compor este trabalho são: duas testemunhas que foram professores atuantes no PROJAMS; decretos; diários de classes do ano de 1997, 1998, 1999, 2000, e 2001; e uma apostila de matemática utilizada no processo de ensino no PROJAMS. Os diários de classe foram obtidos através de visitas realizadas a Secretaria Municipal de Educação – SEMED do Município de Ji-Paraná, o decreto de lei que foi obtido na Constituição Federal. A apostila foi obtida por meio de conversas onde se descobriu que um colega de curso estudou no PROJAMS, e este colega nos deixou a disposição este material. O trabalho foi dividido em 2 capítulos, sendo que inicialmente temos a introdução onde relatamos brevemente o que o leitor irá deparar-se ao longo de sua leitura, no 1º capítulo que chamamos de Referencial Teórico iniciamos com uma revisão bibliográfica em busca de pesquisas que tratavam da temática aqui em questão, após ainda neste mesmo

¹ Elegida – Este termo aqui tem uma significação particular, ou seja, trata da escolha dos materiais a serem utilizados para análise, no entanto, esta escolha se deu após o levantamento de tais materiais e sua coleta.

capítulo, temos uma abordagem no que tange ao conceito de História segundo Le Goff (1999), historiografia crítica de acordo com Marc Bloch (2001).

Posteriormente falamos sobre a História Oral por meio dos estudos de Philippe Joutard (1998), tendo seu primeiro subtítulo que explana a respeito da Cronologia da História Oral; após temos a Divisão da História oral destacando que uma parte estava ligada a história política e a outra a história da população; posteriormente as Tendências da História Oral, em que destacou-se nesta fase passou a ter uma ligação maior com a memória, ao que as pessoas tinham a relatar sobre fatos importantes vividos; temos também o subtítulo que chamamos Críticas a Fonte Oral em que fica evidente a postura dos pesquisadores tradicionais, pois os mesmos tinham a História Oral como uma fonte não segura, sem muita valia; em seguida temos o tópico Entrevista, nesta parte abordamos os tipos de entrevistas, como devem ser realizadas e Estilos de Pesquisa em História Oral, em que tratamos sobre os estilos existentes e em qual fundamentamos este trabalho.

Posteriormente optamos em realizar um breve diálogo entre Marc Bloch, Le Goff, André Chervel e Phelippe Joutard a cerca de suas ideologias. Logo após, uma breve apresentação dos procedimentos de pesquisa que foram utilizados no desenvolvimento deste trabalho. E no 2º capítulo, temos a análise dos dados obtidos, com quatro subtítulos: Em que no primeiro deles tratamos de descrever alguns elementos que influenciaram a criação do Projeto; No segundo descrevemos os elementos quantitativos que foram encontrados no decorrer da pesquisa; No terceiro relatamos os elementos qualitativos encontrados durante a pesquisa; No quarto, e último subtítulo, descrevemos alguns elementos e fatos ocorridos após o fim do Projeto.

Após apresentar uma breve introdução dos procedimentos que foram realizados neste trabalho, para que o mesmo fosse construído, a nosso ver, com êxito, passamos então para o capítulo 1 a seguir onde se abordou o Referencial Teórico e Metodológico, elementos estes primordiais para construção deste trabalho por fomentar sobre a História da Educação Matemática.

1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Na fundamentação teórica deste trabalho falaremos um pouco sobre os conceitos de História de Jaques Le Goff (2003) que está descrito em seu livro *História e Memória*, em seguida as ideias com referência a *Historiografia Crítica* Marc Bloch (2001) que está disposto no livro *Apologia da História ou Ofício do Historiador*, e Philippe Joutard (1998) para nos embasarmos nas escritas referentes à História Oral.

A metodologia a ser utilizada foi desenvolvida por meio de objetivos específicos que nos levaram ao foco em que nossa pesquisa se conduz que é o objetivo principal, tais procedimentos serão descritos posteriormente.

1.1 Revisão Bibliográfica

Ao nos referirmos as temáticas voltadas a História da Educação Matemática, podemos observar que nos últimos anos vem sendo um tema cada vez mais pesquisado, tal afirmativa esta corroborada com a presença de inúmeros grupos de pesquisa, como: GEPHEME - Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática Escolar da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, HEMEP - História da Educação Matemática em Pesquisa da UFMS, GHEMAT- Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, entre outros.

Embora existam alguns grupos de pesquisa voltados à História da Educação Matemática, e diversos trabalhos já foram publicados com a temática, em uma busca sistemática e mais delimitada em relação ao tema a ser utilizado, sendo este História da Educação Matemática no PROJAMS do Município de Ji-Paraná, nenhum trabalho referente ao tema foi encontrado no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Domínio Público. Diante do fato de não termos encontrado pesquisas referentes ao assunto História da Educação Matemática no PROJAMS do Município de Ji-Paraná, fomos impulsionados a realizar tal importante pesquisa.

Se nos direcionarmos a pesquisas relacionadas à nossa temática, como por exemplo, História da Educação Matemática em Rondônia, encontramos, as teses de Doutorado de: Maria Edna Cordeiro (*Travessias de Cecília: a caminho da educação matemática no CEEJA Padre Moretti – Rondônia. UNESP*); o trabalho de Gilcimar Bermond Ruezzene (*Uma História da Constituição e Caracterização da Licenciatura em*

Matemática no Estado de Rondônia. UFMT); entre outras publicações. E em particular História da Educação Matemática em Ji-Paraná, encontramos, por exemplo: a tese do professor Dr. Marlos Gomes de Albuquerque intitulada: Da formação polivalente ao movimento da Educação Matemática: uma trajetória histórica da formação de professores de Matemática na Universidade Federal de Rondônia em Ji-Paraná (1988-2012), entre outros artigos.

Diante destas pesquisas encontradas, podemos observar que a Pesquisa de CORDEIRO (2014), nos relatou trabalhos desde a história de uma escola CEEJA, segundo a trajetória de vida de uma personagem; até a educação superior pública tendo como objeto de pesquisa as UNIR's e como era realizado o processo de formação dos licenciados em matemática do estado. Já na pesquisa de ALBUQUERQUE (2014), tem como objeto de pesquisa o estudo da história do curso de licenciatura em matemática da UNIR de Ji-Paraná. Já o trabalho de RUEZZENE (2010), faz relatos sobre a constituição dos cursos de licenciatura em todo o estado de Rondônia.

A pesquisa na página da CAPES realizada via site de buscas da internet, encontrou trabalhos no âmbito da História da Educação Matemática no estado de Rondônia de uma forma geral. E se nos referirmos a pesquisa pelo Domínio Público realizada também via site de buscas encontramos trabalhos referentes à História da Educação Matemática da região de Ji-Paraná. Seria interessante falar em particular de cada trabalho encontrado, no entanto, por motivo de tempo e também de limites de página que este trabalho impõe não iremos nos aprofundar nestes trabalhos.

Como pode ser observada, esta pesquisa se difere das demais, por ser voltada para um projeto de ensino criado somente no município de Ji-Paraná e que hoje está extinto em virtude de não estar de acordo com a carga horária estabelecida pelo governo. Assim, este trabalho, trata a respeito do ensino de matemática no projeto segundo a visão de alguns dos seus professores de matemática.

1.2 Conceito sobre História

Segundo Jaques Le Goff (1990), a ciência Histórica explica-se não como algo que se constrói ou se observa, mas sim como uma ciência na qual se pode indagar, e testemunhar, ou seja, a ciência histórica se diferencia das outras ciências, como as exatas e humanas, por ser uma ciência que pode ser montada ao longo do tempo, e isto

se dá por meio de diversos vestígios dentre eles os testemunhos daqueles que vivenciaram os fatos históricos.

A História iniciou-se, em forma de relato, no contar de acontecimentos feitos por aqueles que fizeram parte diretamente do acontecimento. De acordo com Le Goff (1990), com o passar do tempo ocorreram algumas limitações na transmissão oral do passado. E após a criação de bibliotecas, que ofereciam materiais escritos que relatavam os fatos históricos, deste modo houve então a inevitabilidade da constituição da crítica científica. No fim do século XVII, a crítica científica que já vinha fazendo com que a história obtivesse um aspecto científico de maior valor em relação à ciência, começou a se desenvolver mais significativamente, conseqüentemente também surgiu, a crítica ao fato histórico (pois a história não é algo pronto, mas que pode ser elaborado pelo historiador), como também a crítica aos documentos. Os pesquisadores incluíram também como fontes documentais: os gestos e as palavras.

Independentemente de esta nova noção documental ser adotada, tal fato fez que o historiador adquirisse um senso ainda mais crítico em relação aos documentos por ele estudado, procurando saber se os mesmos são verdadeiros, na hipótese de que contam a história como realmente aconteceu e não a história que favorecia os interesses meramente de quem a contou, uma vez que a história não pode ser inventada, mas, pode ser remontada através de elementos de teor autênticos assimilados por meio de pesquisas e análises desenvolvidas.

Ao falarmos sobre o termo história, de acordo com os conceitos de Le Goff (1990), não poderíamos deixar de relatar um pouco sobre a Cronologia, pois a história é a “ciência dos homens no tempo” Bloch (2001. p.55), deste modo, podemos destacar que desde os tempos da antiguidade, a Cronologia já vinha desenvolvendo um trabalho de grande importância na construção da história, e também era tida como uma espécie de ciência que auxiliava a história. Sendo que o principal material utilizado era o calendário, instrumento desenvolvido pelas sociedades humanas durante uma tentativa falha de se poder dominar o tempo natural. Mas, apesar disto, conseguiu êxito na elaboração de hora e semana.

Le Goff (1990) também relata que o calendário pode ser considerado um instrumento que rege a vida humana, juntamente com as horas, pois estão ligados a tudo o que realizamos nas tarefas do cotidiano. O tempo coordena tudo o que fazemos em

nosso dia a dia, seja trabalhar, em momentos de lazer, na realização de festas comemorativas, entre outros.

Outro ponto levantado está descrito entre o antagonismo passado/presente que segundo Le Goff (1990) se dá, por meio de uma construção ao longo do tempo e não pelo meio natural. Porém, o passado não é igual em todas as épocas, e o historiador está preso ao tempo em que vive, no qual se tem conhecimentos, diferentemente do passado ao qual não se sabe, não viveu. O passado pode de certo modo elucidar o presente, e o passado é atingido pelo presente, pois através do que acontece no presente por meio de estudos de pesquisadores o passado se modifica pelo fato de poder ser complementado pelos pesquisadores. Esta relação entre passado/presente nos leva ao passado mais longínquo, ao qual ninguém viveu que é tido como a origem do mundo. Quando se trata do início e fim da história do mundo e da humanidade, a história é considerada incapaz e perde o seu teor científico, pois o início dos tempos é remetido ao misticismo, e sua explicação se dá por teorias religiosas e a teoria do *Big Bang*. Já quando o assunto é o fim dos tempos, somente a religião de salvação tem sua explicação definida.

Segundo Le Goff (1990), com o surgimento da nova concepção do tempo histórico, o historiador tinha como objetivo, identificar os ritmos aos quais a história era feita. E deste modo, os acontecimentos das “longas durações” (Braudel apud Le Goff), que eram as realidades vividas que se modificavam lentamente (estruturas da sociedade), começaram a se tornar mais importantes do que os eventos, que eram acontecimentos de tempo mais rápido. Ao realizar diálogos com outras ciências, alguns dos historiadores da longa duração desenvolveram a ideia de uma história “quase imóvel” (Braudel, Le Roy Ladurie apud Le Goff).

Le Goff (1990) ainda destaca que, os historiadores da antiguidade acreditavam desenvolver a história do homem, mas com o passar dos anos, por meio dos historiadores que os sucederam, essa ideia foi sendo modificada, através de novos pensamentos sobre a história do homem. Porém foi somente com os historiadores modernos que se passou a perceber que a história é uma ciência, e que estuda a evolução da humanidade ao longo do tempo. E isso fez com que posteriormente fossem criadas novas concepções sobre história que estão relacionadas ao homem, proporcionando sua extensão como área da ciência. Nos tempos atuais, a história se tornou mais apreciada, em todas as suas vertentes. Na sociedade do ocidente, já as nações tidas pertencentes ao Terceiro Mundo, preocupavam-se somente na utilização de

uma história, isso pode ter sido o fato que possibilitou a elaboração de histórias diferentes dos ocidentais.

1.3 Uma breve discussão: História Oral

Este tópico será dividido em subtítulos, dos quais relatamos sucintamente a respeito de História Oral desde sua criação, passando ao longo do tempo por sua divisão, e logo após o momento em que conquistou maior destaque diante dos historiadores, advindo até as suas críticas por não ser considerada uma ciência fidedigna segundo os mais tradicionais. E por fim, articularemos um pouco sobre entrevista e analisaremos os gêneros de entrevistas empregados na história oral.

1.3.1 Cronologia da história oral

De acordo com as palavras de Joutard (1996), foi a partir da segunda metade do século XX a História Oral começou a ser reintroduzida nos Estados Unidos pela primeira geração de historiadores, e onde apresentou o seu maior desenvolvimento através da criação do gravador na década de 1950, usado para montar um arquivo de materiais para os futuros historiadores, após este acontecimento começou a se espalhar pela Europa, porém não conseguiu obter a mesma importância que tinha obtido nos Estados Unidos.

Conforme Joutard (1996), a segunda geração de historiadores orais surgiu na Itália no fim da década de 1960, com os sociólogos Ferraotti e antropólogos como De Martino ou Bosio. Nessa época a história oral passou a ser considerado um novo tipo de história, que era contada por aqueles que estiveram ligados aos fatos do passado, e deixou de ser apenas um material complementar aos documentos escritos. Porém, ainda era vista com certo repúdio pelos historiadores conservadores, e por isso era mais utilizada pelos não profissionais da história.

Joutard (1996) também nos relata que a partir dos anos de 1975 e 1976, a terceira geração de historiadores orais começou a se caracterizar após o XIV congresso internacional de Ciências Históricas de San Francisco, e o Primeiro Colóquio internacional de história oral em Bolonha. Joutard afirma também que neste mesmo ano de 1975 foram desenvolvidos dois importantes projetos na França em que foram reunidos vários historiadores, etnólogos e linguistas. Em consequência disto, após

quatro anos houve o desenvolvimento da Associação Francesa de Arquivos Sonoros. De 1975 a 1983, na América Latina, a ideia de relatar a história dos camponeses segundo eles mesmos, foi ganhando força no desenvolvimento da área dos projetos sociais.

De acordo com Joutard (1996), foi somente a partir do ano de 1984, que a história oral se ampliou pelo mundo, e obteve reconhecimento onde ainda não estivera instaurada, e onde já estava implantada se desenvolveu ainda mais. E nos anos de 1990, é que surgiu a quarta geração de historiadores orais, sendo esta a que mais obteve força em seu desenvolvimento por ter surgido em uma época moderna, na qual os gravadores poderiam ser substituídos por equipamentos mais avançados como as câmeras de vídeo.

1.3.2 Divisão da história oral

No início de seu desenvolvimento a história oral, sofreu uma espécie de divisão resultante da forma que era utilizada pelos pesquisadores. Uma vez que uns a utilizavam para descrever a história política e outros para relatar a história da população. Isto nos remete as palavras de Joutard que diz o seguinte:

[...] desde o início dividiram a história oral, uma próxima das ciências políticas, voltada para as elites e os notáveis, outra interessada nas 'populações sem história', situada na fronteira da antropologia. Além disso, coloca-se a questão das relações entre a história oral e as disciplinas afins que também se utilizam da pesquisa oral, como a sociologia e a linguística (JOUTARD, 1998, p.44).

Joutard (1996) nos diz que a história oral ligada à política era utilizada mais como complemento de fontes escritas coletadas pelos pesquisadores, e estes materiais escritos contavam exclusivamente a história de personagens tidos por eles como os principais da história. Já, a história oral ligada à história do povo, estudava os fatos históricos ocorridos em todo o país, era desse modo, um estudo mais geral dos fatos que poderiam lhes proporcionar um conhecimento mais amplo da história. E foi por meio desta segunda parte da divisão que a história oral conseguiu se desenvolver amplamente e posteriormente conseguiu obter uma grandeza metodológica, também fez com que a história política se modificasse e passasse a ouvir testemunhos de outras pessoas que também participaram diretamente da história de personagens ilustres da história política, as testemunhas oculares.

Segundo Joutard (1996), foi na área da antropologia que a história oral foi mais utilizada, pois esta área de pesquisa se dedicava aos estudos relacionados à sociedade, que até então não tinha conhecimento sobre a sua história. Após o término da difusa

ideia de que a história oral só poderia ser usada como fonte de pesquisa da antropologia, outras ciências começaram a utilizá-la também como fonte, destas podemos destacar as Ciências Humanas e as Ciências Sociais, e assim, com o passar dos anos a oralidade foi se fortalecendo e sendo cada vez mais reconhecida, e se tornou o que nos dias atuais é reconhecida como história oral.

1.3.3 As tendências da história oral

Segundo Joutard (1996), a história oral começou a ser mais valorizada na área da ciência histórica, a partir da década de 1970, e um dos aspectos que a fez se diferenciar é o fato de estar ligada a história recente, pois sua construção se realiza principalmente por meio da memória tida por alguns pesquisadores como “viva”, ou seja, o termo memória “viva” se refere à àquele que pode contar os fatos históricos que presenciou ou até mesmo histórias que foram contadas por gerações que os sucederam. De acordo com as palavras de Le Goff, “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1924, p. 366).

Conforme Joutard (1996), outro fator que influenciou o desenvolvimento da história oral foi o crescente interesse de desvelar a história daqueles que eram deixados de lado pela sociedade, e que até então ninguém tinha vontade de conhecer suas histórias. E por meio disto, a memória até então desprezada, passou a ser mais valorizada como fonte de pesquisa.

1.3.4 Críticas à fonte oral

Joutard (1996) nos diz que, ao se tratar de história oral, surge uma problemática, que é o questionamento sobre a veracidade dessas fontes de pesquisas, pois nem sempre se tem documentos nos quais podemos checar se tal relato aconteceu da forma como foi contado, ou se a testemunha somente contou aquilo que o interessava e não o fato como ocorreu de verdade. E esta problemática leva o historiador a ser mais cuidadoso e a agir de maneira crítica em relação às fontes orais, que podem não ser muito fieis a realidade, mas que também podem relatar algo até então desconhecido das fontes documentais. Porém, para que o historiador haja de tal maneira crítica, é preciso que o mesmo tenha erudição no assunto, tanto das críticas como também na polêmica do uso de fontes orais. Desta forma, o pesquisador poderá fazer a união entre as fontes orais e

documentais, pois uma complementa a outra, e consequentemente se obterá um material mais rico em detalhes.

Como o foco de coleta de dados escolhido será o testemunho, que irá ser coletado por meio de entrevistas, estas devem seguir um padrão pré-estabelecido, tanto na hora da entrevista como posteriormente na transcrição dos áudios/vídeos. As gravações somente serão utilizadas e publicadas com o aval de cada entrevistado. Toda entrevista deve seguir uma sequência, e também pode ser realizada de diversas maneiras de acordo com o assunto que o historiador quer abordar.

1.3.5 Entrevista

Para que o historiador realize uma entrevista que seja produtiva, antes é preciso que ele elabore uma sequência de perguntas bem formuladas, assim como também escolher o perfil a ser entrevistado, e o local da entrevista que deve ser o mais tranquilo possível e que o entrevistado se sinta à vontade para responder a todas as perguntas. Essas perguntas não devem ser muito minuciosas para que assim o entrevistado não se sinta incomodado.

[...] o entrevistador deveria usar um questionário consistente e cuidadosamente estruturado de modo a facilitar a análise comparativa; ele, ou ela, deveria controlar o enfoque e o fluxo da entrevista, mantendo, porém, uma presença neutra e objetiva, evitando, assim, afetar adversamente as histórias contadas; deveria conduzir entrevistas individualmente e fazer o mínimo de interrupções possível (THOMSON, ALISTAIR apud FERREIRA, p.48.).

De acordo com Muller (2015), um ponto importante também, é que o pesquisador estabeleça uma relação de amizade com o entrevistado, com visitas feitas dias antes da entrevista, para conhecer o perfil da testemunha e assim estabelecer um roteiro de perguntas que seja agradável a mesma, e isso repercutirá em uma entrevista bem-sucedida.

Muller (2015) também destaca que, após a realização da entrevista, o entrevistador deve fazer a transcrição destas fontes orais, o mais breve possível, para que assim não corra o risco de esquecer algum fato ocorrido que a gravação do áudio não permite saber, como expressões, emoções, inquietações, etc. E quando estiver sendo feita a transcrição o historiador deve se atentar a detalhes de suma importância, pois cada fala, dúvidas, silêncios, palavras pouco audíveis, entre outras, tem sua maneira própria de ser escrita no papel. Após o término da transcrição, esta se torna um meio de

consulta do próprio historiador como também para pesquisadores futuros. E assim a fita/gravação passa a ser o documento original, que não pode ser destruída, e sim permanecer intacta para futuras consultas. Sua publicação somente poderá ser realizada se o depoente assim autorizar por meio de documento assinado pelo mesmo.

1.3.6 Estilos de pesquisa em história oral

Segundo Ferreira (2006), o uso da história oral tem duas modalidades ou estilos: 1) faceta técnica, 2) faceta metódica. Cada um deles se divide em duas variantes: 1) o arquivista e o difusor populista, 2) reducionista e o analista completo. Embora todos façam uma análise diferente sobre as fontes orais, desempenham um papel similar, de construção da história oral.

- Arquivista - para quem faz uso deste tipo de modalidade, a história oral se define como, a busca de criar e organizar fontes orais, e recolher testemunhos para a constituição de arquivos.
- Difusor populista - estes acreditam que a história oral surgiu com o intuito de revelar a história do povo. Constroem grandes acervos de arquivos orais, embora não aprofundam os seus conhecimentos sobre o determinado tema ao qual coletaram o arquivo.
- Reducionista - os historiadores que utilizam este estilo usam a história oral somente como um complemento, e não lhe dão muita importância, pelo fato de acharem que é somente uma dramatização dos arquivos documentais.
- Analista completo - acreditam que a história oral seja um novo método de se construir os acontecimentos históricos. Porém não se limitam só a um método ou técnica, mas a complementam, as tornam mais complexo. Em que se pode estabelecer um contato mais próximo com os entrevistados.

Dentre estas formas distintas existentes dentro da história oral, basta ao próprio pesquisador distinguir qual se encaixará melhor em seu método de pesquisa. E assim, possa realizar a sua construção da história oral.

Para a realização deste trabalho, enquanto historiadora optei pelo estilo do Analista Completo, sendo este mais adequado a minha pesquisa por não ter muitos documentos referentes ao projeto estudado. Sendo assim, o uso de testemunhas/

personagens será de suma importância para contar a história do PROJAMS como também para dar veracidade a alguns documentos referentes às escolas, por meio da gravação de áudio de entrevistas feitas com personagens que tiveram participação no Projeto, pude construir o presente trabalho.

1.4 Breve diálogo com Bloch, Le Goff, Chervel e Joutard.

A construção teórica do presente trabalho baseou-se inicialmente nos conceitos de Le Goff e Marc Bloch, quando abordamos o termo história e sua importância na construção da pesquisa.

Le Goff (1990) nos fala que a História pode ser indagada e testemunhada, ou seja, é uma ciência que pode ser construída ao longo do tempo por meio de testemunhos. Pois a História segundo ele surgiu através de um relato contado por um personagem que vivenciou diretamente um fato histórico. Temos então, que a Ciência Histórica sempre esteve ligada a memória, e esta tem um importante papel como auxiliadora na elaboração e verificação da autenticidade de fontes documentais.

Partindo deste princípio, chegamos às escritas de Marc Bloch (2001), em relação ao testemunho, que deve ser assimilado como uma fonte, porém não totalmente confiável por si só. E também podemos considerar que os documentos são uma espécie de testemunho, sendo um elemento precioso, porém imperfeito, e que está sujeito a críticas. De acordo com Le Goff (1990), após o invento das bibliotecas, que ofereciam elementos históricos, ocorreu a necessidade da formação da crítica científica. Deste modo, também surgiu, a crítica ao elemento histórico (pois a história não é algo pronto e acabado, mas que pode ser reordenada pelo historiador), como também a crítica aos documentos.

Diante destes expostos, acreditamos na necessidade de buscar, no desenvolvimento deste trabalho, as ideias advindas de Joutard no que remetem a história oral, uma vez que, na intenção de não negligenciar nossas fontes documentais, e visto que, tivemos contato com alguns personagens que vivenciaram tal história, utilizar tal ideia para nos auxiliar na interpretação das informações advindas destes personagens. Em outras palavras, entendemos que um elemento importante na história oral é a memória e de acordo com as palavras de Le Goff, “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” LE GOFF (1990. p. 366).

1.5 Procedimentos da Pesquisa

O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise histórica do processo de ensino de Matemática no Município de Ji-Paraná, a partir do Projeto Ji-Paranaense de Ensino Modular Seriado (PROJAMS). Em outras palavras, nesta pesquisa se utilizou documentos oficiais (diários de classe, apostila, testemunhos, decreto de lei) ligados ao PROJAMS, programa de ensino modular seriado que teve início no ano de 1997 no município de Ji-Paraná, no intuito de oportunizar e incentivar a formação da população Ji-Paranaense no nível fundamental de ensino. Mas, para conseguirmos alcançar tal objetivo, primeiramente elencamos três objetivos específicos que buscamos detalhar a seguir.

O primeiro objetivo foi caracterizar o ensino de Matemática no PROJAMS. Esta caracterização se deu por meio de documentos como: decretos de leis relativos ao Projeto, diários de classe e também testemunhos orais de quem esteve diretamente ligado ao mesmo. Tal ação foi cumprida por meio de buscas aos documentos relativos ao assunto estudado, tais fontes foram encontradas na SEMED, em que foram realizadas três visitas para que obtivéssemos os dados para o desenvolvimento desta pesquisa.

Na primeira visita realizada a SEMED, fomos recebidos pela senhora Ana Maria que era secretária de educação do município no ano de 2016, a mesma se propôs a nos ajudar na pesquisa, tal visita foi realizada com o intuito de conhecer o ambiente, os funcionários e também pedir permissão para que em outro momento pudéssemos ter acesso aos documentos. Ao final deste encontro ela autorizou que pudéssemos buscar no arquivo da SEMED documentos relacionados ao nosso objeto de estudo.

Na segunda visita fomos recebidos pela gerente do setor de estatística que sob sua supervisão nos permitiu fotografar os diários de classe (como esses documentos eram originais, nos informaram que eles não poderiam ser retirados da SEMED, então a única forma de analisá-los foi por meio da fotografia) de todas as escolas que participaram do PROJAMS entre os anos 1997 a 2001, estes também nos levaram a conhecer os nomes das escolas, as quantidades de alunos de 5ª a 8ª série como também suas respectivas notas, adquiridas na disciplina de Matemática.

Na terceira e última visita na qual foi executada com o intuito de buscar os nomes e endereços dos professores de Matemática que atuaram durante o período

pesquisado, em conversas com funcionários da SEMED, no qual relataram nomes e endereços, assim, se conseguiu o contato do nosso primeiro entrevistado o professor Alberto² que posteriormente passou o contato da nossa segunda entrevistada a professora Betânia³. Em consonância com os relatos, temos a presença do nome destes dois personagens em um documento chamado PROJAMS Matemática IV, parceria entre a Prefeitura Municipal de Ji-Paraná e a SEMEC, tal fato nos remete realmente a veracidade da participação dos personagens aqui entrevistados como professores do PROJAMS.

No segundo objetivo, após a coleta de dados, realizamos sua organização, uma vez que os dados coletados foram diários (os quais fotografamos). Assim passamos para organização dos mesmos, dividimos os diários por ano, em seguida por escola, posteriormente por matrículas, transferidos, desistentes, e por notas (aprovados, reprovados, dependentes e repetentes).

Nosso terceiro objetivo: examinar a metodologia de ensino. Buscamos qual método de ensino e aprendizagem era adotado no projeto naquele período para ensinar a disciplina de Matemática. Para tal foi realizada duas entrevistas com professores que trabalharam no Projeto durante o período pesquisado. As entrevistas foram ⁴semiestruturadas, para que assim pudéssemos obter os elementos desejados em nossa pesquisa, como o sistema avaliativo, o material didático utilizado, etc.

Nosso primeiro entrevistado foi o professor Alberto. Para conseguir realizar a entrevista foram feitas três visitas em sua residência. E na ultima visita conseguimos executar a entrevista que aconteceu de forma tranquila, o entrevistado estava à vontade, e respondeu todas as perguntas da melhor maneira possível.

Nossa segunda entrevistada foi com a Professora Betânia. Para realizarmos a entrevista foram feitas duas visitas a sua residência. E somente na segunda visita, encontramos a Professora Betânia. A entrevista ocorreu tranquilamente, a entrevistada estava à vontade e respondeu a todas as perguntas.

² Alberto é um nome fictício adotado nesta pesquisa para assim não se citar o nome.

³ Betânia é um nome fictício adotado nesta pesquisa para assim não se citar o nome.

⁴ De acordo com Triviños a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

As análises dos materiais coletados nas duas entrevistas foram feitas minuciosamente, cada uma das gravações das entrevistas foram ouvidas diversas vezes e somente as falas dos entrevistados que tiveram mais relação com este trabalho foram transcritas e atribuídas ao mesmo.

2 ANÁLISE

Neste segundo capítulo apresentamos a análise dos dados coletados para o desenvolvimento desta pesquisa. Expondo inicialmente relatos sobre a criação do Projeto e como era o município na época. Posteriormente trata-se sobre os elementos numéricos relativos ao PROJAMS e em seguida os elementos que contribuíram para uma melhor qualidade de ensino no Projeto. E ao final deste capítulo, um breve relato a posteriori ao PROJAMS, ou seja, alguns acontecimentos após o seu encerramento.

2.1 Breve relato *a priori* PROJAMS

Na tentativa de situar historicamente o leitor deste trabalho, destacamos três projetos educacionais no município de Ji-Paraná- RO, cronologicamente, são eles: Projeto Especial Rural (PRÓ-JIPA), Projeto Ji-Paranaense de Ensino Modular Seriado (PROJAMS) e por fim o Programa de Ensino Rural do Estado de Rondônia (PROENCRO). Como pode ser observada, nossa preocupação inicial é deixar claro ao leitor que nosso objeto de estudo (PROJAMS) encontra-se inserido entre dois outros projetos, tal inserção nos dará entendimento ao observarmos nos documentos, assim como nos relatos a ideia de continuidade de um projeto para outro.

Em nossa entrevista⁵ com um professor de Matemática da época, soubemos que Alberto cursou a faculdade de Ciências Físicas e Biológicas com habilitação em Matemática, sua formação inicial se deu por volta de 1992, ou seja, tem praticamente 25 anos de magistério. Alberto trabalhou no projeto (PROJAMS) durante aproximadamente seis anos, nas turmas de 5ª a 8ª séries hoje denominadas 6º ao 9º ano. Durante a entrevista, ele nos relatou sua vivência ao longo dos anos no projeto, e também que atuou em outro projeto criado anteriormente, o PRÓ-JIPA.

Em sua fala temos:

[...] PROJAMS surgiu depois do PRÓ-JIPA, [...] o PRÓ-JIPA não tenha sido ruim também, que ele atendeu a necessidade daquela época, daquele lugar,

⁵ A entrevista foi realizada na casa do professor, uma vez que, foi sugerido o local por ele, desta forma, acreditamos que tal lugar, seria um local tranquilo no qual ele se sentiria a vontade e certamente contribuiria para que a entrevista acontecesse de uma forma produtiva.

que eram pessoas com a faixa etária mais avançada, já o PROJAMS não, ele veio para pegar e corrigir isso tentar adequar a faixa etária ao conteúdo trabalhado[...] e a maioria dos alunos era oriundos de outro estado. (PROFESSOR ALBERTO)⁶

Já nossa segunda entrevista foi com uma professora de Matemática da época, soubemos que Betânia cursou a faculdade de Licenciatura em Matemática, na primeira turma desse mesmo curso na UNIR, sua formação se deu por volta de 1992, ou seja, tem aproximadamente 25 anos de profissão. Betânia trabalhou no projeto (PROJAMS) por aproximadamente seis anos, nas turmas de 5ª a 8ª séries, atuais 6º ao 9º ano. Em nossa entrevista realizada em sua residência, ela nos relatou sua vivência ao longo dos anos no projeto e também falou um pouco sobre o objetivo do mesmo.

Em sua fala temos:

O objetivo era levar o ensino de 5ª a 8ª séries, o Fundamental para a zona rural que até então só tinha a 5ª !?... as séries iniciais... até a 5ª série!. Que antigamente era da 1ª a 5ª série, né. Foi pra... que estava tendo uma clientela grande de alunos que precisavam terminar o Fundamental e não tinha. E o PROJAMS foi uma opção de conseguir levar pra eles nesta época o Ensino Fundamental completo né. (PROFESSORA BETÂNIA)

Deste modo, ao relatarmos alguns fatos que influenciaram na criação do Projeto por meio das entrevistas realizadas, posteriormente abordaremos sobre todos os elementos numéricos encontrados em nossa pesquisa, desde as escolas que aderiram ao PROJAMS até os índices de aprovados em cada ano, dos cinco anos estudados.

2.2 O PROJAMS em números

Nesta parte do trabalho indicamos os elementos numéricos encontrados tanto em documentos, quanto por meio das entrevistas. O PROJAMS em números seria o relato dos elementos numéricos encontrados ao longo de nossa pesquisa e análise.

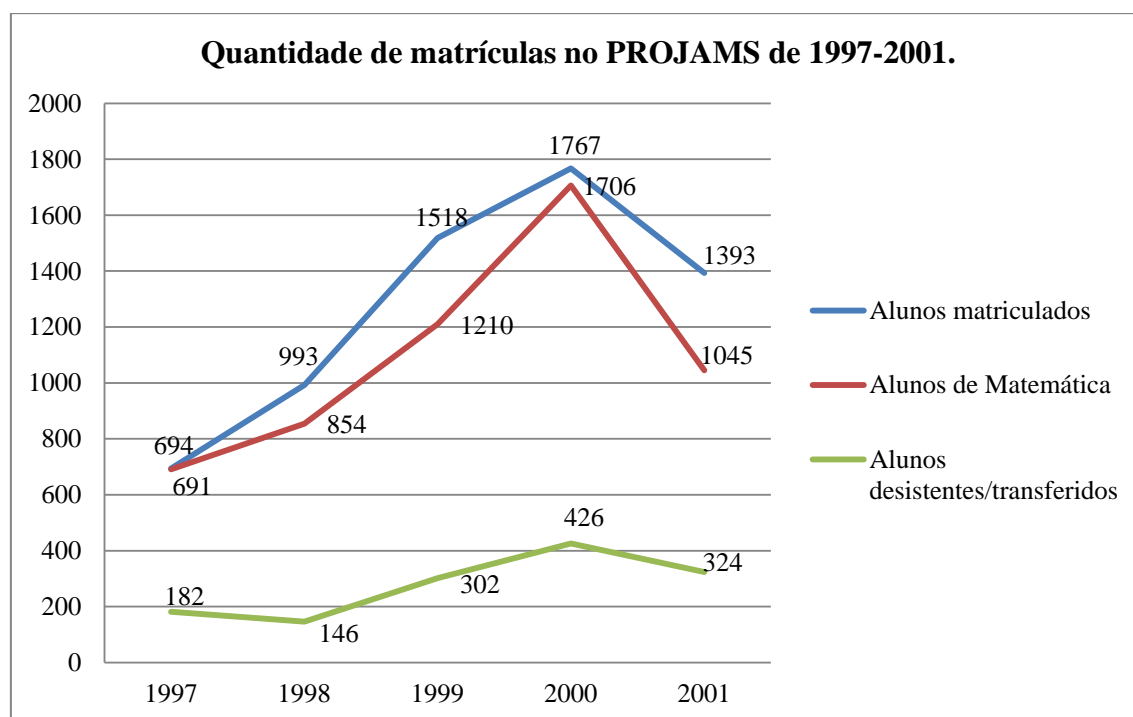
A partir dos testemunhos dos professores que trabalharam no projeto, e os diários de classe que estão armazenados na SEMED que nos foi autorizado pela direção do órgão que pudéssemos manusear e fotografar tais documentos, podemos destacar que durante os cinco anos analisados de 1997 a 2001, houve 6365 matrículas realizadas no

⁶ As citações diretas referentes a trechos de entrevista nos casos acima de quatro linhas serão colocadas com recuo de 4 cm, fonte tamanho 10 e itálico. Nos casos com menos de 4 quatro linhas serão colocadas em fonte tamanho 12, itálico, no corpo do texto entre aspas. Esta ação foi escolhida para que o leitor facilmente possa identificar os trechos referentes às entrevistas.

PROJAMS, sendo destas, aproximadamente 4218 concluíram o Ensino Fundamental pelo projeto sem precisar realizar recuperação, cerca de 656 eram repetentes/dependentes e 1380 desistentes/transferidos, e ainda deste total cerca de 5506 matrículas foram realizadas na disciplina de Matemática pois como o ensino era modular seriado os alunos estudavam por disciplina, diferentemente do ensino regular.

De acordo com estes mesmos documentos pode-se observar que inicialmente, ou seja, no primeiro ano de funcionamento do projeto em 1997 foram feitas 694 matrículas, no segundo ano em 1998 tiveram 993 matrículas, no terceiro ano em 1999 foram 1518 matrículas, no quarto ano em 2000 registrou-se 1767, e no quinto ano em 2001 um total de 1393 matrículas.

Fica evidente que ocorreu um crescimento anual acentuado até o ano 2000, em função de, a cada ano, houve formação de novas turmas e após este mesmo ano, houve um decréscimo anual, que talvez tenha ocorrido pelo fato de que as primeiras turmas já estavam se formando, pelo desligamento do Projeto por parte de algumas escolas como, por exemplo, a escola Euclides da Cunha e Juliano Moreira que participaram do projeto desde 1997 ao final de 1999 se desligaram, e fora elas mais as escolas Sagrada Família e Sol Nascente que participaram do projeto desde 1997 ao final de 2000 se desligaram, e mais a escola Ranieri Mazzilli que participou do projeto desde 1998 ao final de 2000 também se desligou.



Fonte: Diários do PROJAMS (adaptado pelo autor).

No gráfico acima temos destacadas a quantidade de matrículas efetuadas do período de 1997 a 2001. Podemos notar que do primeiro ano de 1997 até o ano 2000 houve um crescimento acentuado, porém após o mesmo ano houve um significativo declínio nos índices de matriculados.

Referente a estes acontecimentos tanto de crescimento no início do projeto quanto de decréscimo ao final do período analisado, ao nos remetermos aos testemunhos dos professores, estes nos relataram que no início as salas de aulas eram lotadas, porém com o passar do tempo esta quantidade de alunos fora diminuindo. Ainda destacam outros fatos que possivelmente incentivaram esta evasão escolar na época. Ao nos remetermos à fala do Professor Alberto, tendo como foco este assunto temos:

[...] eu cheguei a pegar salas de aula bem cheia, assim..., num espaço relativamente pequeno com 35 alunos, tá. Mas com o passar do tempo nós percebemos que foi decaindo, diminuindo até estabilizar um pouco, como nos dias de hoje..., eu acredito que isso se deve ao êxodo rural, ao fato de ter diminuído e a migração também, porque muitas vezes as comunidades migram para áreas novas que estão surgindo..., é Colniza, Buritis. Isso aí faz com que a população rural diminua um pouco. Então no início nós tínhamos, mas nós percebemos que isso aí foi decaindo, foi diminuindo até chegar nos níveis de hoje. (PROFESSOR ALBERTO)

A professora Betânia, complementa a fala do professor Alberto em relação a essa diminuição da quantidade de alunos serem segundo eles ao êxodo rural, que até os dias atuais ainda influenciam a migração da população rural para a zona urbana. Em sua fala temos:

É devido ao êxodo rural mesmo! É a migração para a cidade é muito grande, porque eles na no sítio tem a família mais aí a propriedade é pequena, e aí eles não conseguem sobreviver ali, né. Os filhos não veem ali como sobreviver e formar ali novas famílias ali, eles mudam pra cidade. Tem muito aluno aí nos bairros da cidade que era do campo né. É o êxodo rural mesmo, e continua né, muito avançado ainda, a cada ano o número de alunos cai mais da zona rural. (PROFESSORA BETÂNIA)

Como pode ser observado nos dados coletados, tanto nos advindos dos diários de classe quanto das falas dos professores entrevistados, há certa discordância entre eles, de um lado os dados de matrícula nos mostram claramente o crescimento acentuado entre os anos de 1997 a 2000 e por outro lado os professores relatam que iniciou com muitos alunos e foram diminuindo a cada ano. Estas discrepâncias se dão se observarmos sucintamente as informações, pois, quando tratamos das matrículas

estamos englobando todas as escolas que aderiram ao projeto, e a cada ano, havia mais adesões assim como novas turmas nas escolas que já funcionavam o projeto. E as falas dos professores entrevistados estão voltadas somente a aquelas escolas em que eles ministravam suas aulas, e essa diminuição do número de alunos, se dava sendo observada somente a desistência dos alunos dessas escolas em que eles trabalhavam e não a totalidade do projeto.

Outro fato que nos chamou a atenção, quantitativamente foi ao número de escolas que aderiram a este projeto, no discurso do Professor Alberto temos:

Foram muitas... porque na época do PROJAMS se eu não me engano... nos passávamos em pelo menos quatro escolas por ano... então escolas da área rural que ofereceram alguma modalidade de ensino do... da 5ª série a 8ª série eu trabalhei em todas... todas! ... esses dias eu fiz um levantamento e passa de 31! ... Risos... (PROFESSOR ALBERTO)

Se nos remetermos aos documentos oficiais, neste caso os diários de classes de 1997 a 2001 das escolas pertencentes ao Projeto, podemos assim observar que, de acordo com os mesmos temos a adesão de 22 escolas em seu auge, sendo suas adesões da seguinte forma em 1997 inicia com 21 escolas, em 1998 temos a adesão de mais 1 escola, em 1999 não houve adesão de escolas, em 2000 houve o afastamento de 2 escolas e a adesão de mais 1 escola, e em 2001 houve o afastamento de mais 3 escolas. Neste ponto observamos que há uma divergência entre a fala do professor e os elementos descritos no documento, por um lado o professor relata que em seu levantamento havia 31 escolas enquanto nos documentos há apenas 22 escolas. Esta divergência deu-se pelo fato que o professor em sua fala estava se referindo a todas as escolas em que já trabalhou desde o início de sua carreira, e não somente as escolas pertencentes ao PROJAMS.

Em entrevista com a professora Betânia, ela nos conta um pouco mais sobre essas escolas: “*Nós passávamos em todos os setores de Ji-Paraná, por... era por bimestre né, a cada dois meses a gente ficava em um setor, e aí passava por 2 ou 3 escolas por setor*”. (PROFESSORA BETÂNIA)

Para finalizar nossa análise quantitativa, destacamos em relação ao aproveitamento (aprovação) dos alunos, quantos passavam e quantos reprovavam. Nosso entrevistado nos conta que a reprovação destes alunos era relativamente baixa naquela época.

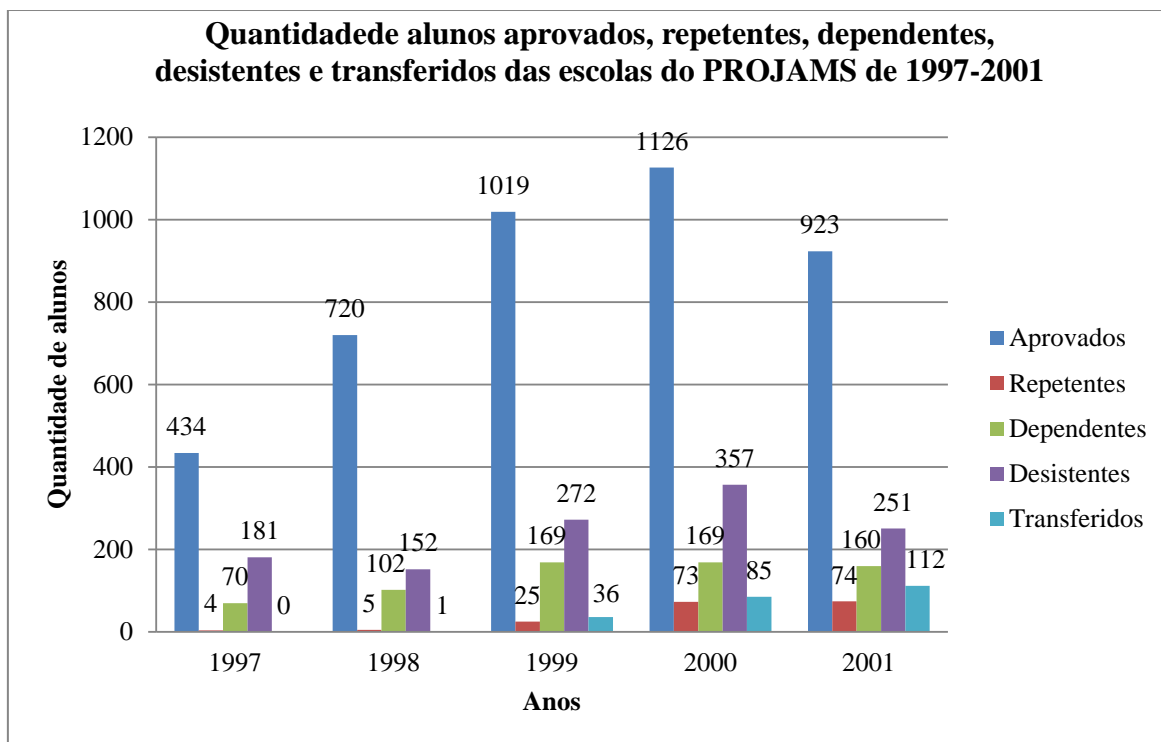
Não...!? eu não tenho uma estatística certa para afirmar isso, mas... existia um índice de reprovação, ... é... ele não era tão elevado. Mas nós teríamos que pegar uma estatística para ver! Hoje o índice de estatística, de... de reprovação é menor mais isso em função de algumas políticas para que chegasse a isso, e ... e que eu não sei se são acertadas. (PROFESSOR ALBERTO)

Complementando a fala do professor Alberto, a professora Betânia diz: *“Não, não. O índice de reprovação não era elevado não. Era dentro do normal. Não era assim... não era aquela... era... tinha um índice “bom” de reprovação.” (PROFESSORA BETÂNIA)*. E também incrementa um pouco mais o assunto nos dizendo sobre outro fator existente além da repetência que era a dependência: *“Tinha a dependência é... a gente trabalhava com a dependência. O aluno que não conseguia aí o professor voltava e trabalhava de novo a disciplina com ele. (...) No horário oposto né. Pegava os dependentes pra trabalhar.” (PROFESSORA BETÂNIA)*.

Quando nos remetemos aos documentos adquiridos, obtemos as taxas de aprovação e reprovação de todas as escolas. No ano de 1997 foram 434 alunos aprovados, não houve reprovados, tiveram 181 alunos desistentes e 70 alunos dependentes⁷. No ano seguinte de 1998 registrou-se 720 alunos aprovados, 5 alunos repetentes, 102 alunos dependentes, 152 alunos desistentes e 1 transferido. No ano de 1999 foram 1019 alunos aprovados, 25 repetentes, 169 alunos dependentes, 272 alunos desistentes e 36 transferidos. No ano 2000 o número é de 1126 alunos aprovados, 73 alunos repetentes, 169 alunos dependentes, 357 alunos desistentes e 85 alunos transferidos. No ano de 2001 tiveram 919 alunos aprovados, 81 alunos repetentes, 167 alunos dependentes, 244 alunos desistentes e 112 alunos transferidos.

Na intenção de resumir de forma didática nossos elementos de análise quantitativa, recorreremos a um recurso gráfico para sintetizarmos.

⁷O aluno estar em dependência significa que o mesmo teria que cursar novamente a matéria em outra turma, sem precisar repetir o ano.



Fonte: Diários do PROJAMS (adaptado pelo autor).

No gráfico acima, temos a quantidade de alunos aprovados, assim, podemos notar que nesses anos analisados o índice de aprovação se manteve alto. Porém o nível de repetentes que no primeiro ano foi quase zero acabou crescendo um pouco, mas se mantendo em um patamar consideravelmente aceitável se levarmos em consideração a quantidade de alunos existentes e as dificuldades da época. Outro elemento que destacamos é o de dependência, em todos os anos se manteve mais elevado que o de repetência, chegando aos anos finais de nosso estudo a quase permanecer estagnado. O número de transferidos que inicialmente foi zero, com o passar dos anos foi aumentando lentamente até que no último ano estudado chegou ao seu auge. E por fim deixamos os números mais preocupantes que são os de desistentes, pois estes números se comparados aos de aprovados são cerca de um terço desse total, ou seja, o total de alunos desistentes equivale a mais de um terço do total de alunos aprovados.

Após termos realizado a análise em relação aos elementos numéricos referentes ao PROJAMS, iremos em seguida relatar os elementos que influenciaram positivamente o melhoramento da qualidade de ensino nas escolas do Projeto.

2.3 O PROJAMS Qualidade De Ensino

Nesta parte do trabalho destacamos os elementos que contribuíram para que houvesse uma melhoria na qualidade do ensino no PROJAMS. Desta forma, o PROJAMS qualitativamente seria o relato dos elementos que se referem à qualidade do projeto, todos os fatos e os elementos que proporcionaram um melhor método de ensino aos alunos, estes elementos que foram encontrados tanto nos documentos, quanto por meio das entrevistas.

A partir das entrevistas realizadas com os professores de matemática que trabalharam no projeto, pudemos observar que os professores tinham empenho no que faziam e se sentiam gratificados com isso, pois segundo eles próprios o interesse dos alunos em adquirir conhecimento era tão grande que o processo de ensino e aprendizagem era agradável para ambas às partes. Tal fato está destacado na fala do professor Alberto: *“Na época havia um interesse muito grande por parte do aluno em buscar o conhecimento, isto facilitava, facilitou muito o processo [...]”* (PROFESSOR ALBERTO). A professora Betânia também destacou a respeito desse assunto dizendo: *“Os alunos eram dedicados, é... estudavam uma vez por semana a disciplina né, Matemática. Eles eram bem dedicados sim! [...]”*. (PROFESSORA BETÂNIA)

O transporte dos professores era feito todos os dias pela Secretaria Municipal de Ensino e Cultura (SEMEC) atual SEMED. Tal secretaria disponibilizava vários meios de transporte para deslocar os professores da cidade para as comunidades da zona rural. O professor Alberto nos relata tal fato e outros acontecimentos na estrada:

A secretaria Municipal disponibilizava um transporte, no caso um... foram utilizados... uma Toyota bandeirante “muito boa” pra ir em qualquer lugar. Nós tínhamos também Combs, é... se eu não me engano, Uno e as vezes ônibus e inclusive esses micro ônibus, então vários tá! A secretaria disponibilizava o transporte, nós íamos pra secretaria e de lá éramos distribuídos para as escolas, o carro aguardava e a gente saía. Então a secretaria oferecia transporte! (PROFESSOR ALBERTO)

A professora Betânia também nos relata tal fato durante a entrevista: *“A secretaria fornecia né, o transporte, e a gente ia. O motorista era da SEMED. Tudo pela secretaria mesmo” [...]*. (PROFESSORA BETÂNIA)

O professor Alberto também nos conta que na época, não havia tanta dificuldade em chegar às escolas, apesar das estradas de chão cheias de buracos e atoleiros formados na época das chuvas:

[...]Eu acho que no período em que eu trabalhei no PROJAMS, se você for considerar esses cinco, seis... cinco, seis anos! Não sei exatamente! E o período em que eu comecei a trabalhar que já se vão aí pelo menos uns 25 anos, eu acredito que eu tive dificuldade com o transporte, assim pra retornar pra a cidade umas duas ou três vezes não mais do que isso, por incrível que pareça! Agora, às vezes é verdade... chovia muito, alagava, interditava porque levava uma ponte e as vezes não tinha acesso por outro caminho aí você não tinha como chegar a escola. Mas foram poucas às vezes, não foi com uma frequência muito grande!... Mas existiram sim agora estou lembrando! Tinha época que dava alguns atoleiros e tal, e não tinha como chegar à escola aí momentaneamente naquele período ficava interrompida as aulas depois retornava e seguia a normalidade. (PROFESSOR ALBERTO)

Professora Betânia em sua fala também relatou as mesmas dificuldades de acesso às escolas da zona rural: *“[...] o acesso nem sempre era fácil né. As estradas eram muito ruins, muito atoleiro, muita poeira”.* (PROFESSORA BETÂNIA)

Outro elemento interessante a ser destacado em nossa entrevista em relação às escolas foi à organização do corpo técnico, direção e supervisão. Que na época praticamente não existia, e este trabalho era realizado pela coordenação pedagógica da antiga SEMEC. Tal fato está destacado na fala do professor Alberto:

[...] na época, uma boa parte da coordenação era feita pela Secretaria Municipal de Educação, a grande maioria das escolas não tinha direção, não tinha a estrutura completa vamos dizer assim... direção, supervisão, secretaria com secretário. Eu acho que na maioria das escolas tinha a sala de aula, uma merendeira pra atender a necessidade ali dos alunos, coisa que no PRO-JIPA não tinha ainda, então há uma evolução, né!... Mas o corpo técnico praticamente não existia, era a coordenação todinha era feita pela coordenação pedagógica da SEMEC que na época era Secretaria Municipal de Educação e Cultura, então não tinha! Não tinha o corpo técnico da escola! Nós tínhamos apenas a sala de aula, os professores e uma merendeira! (PROFESSOR ALBERTO)

Em sua fala professora Betânia complementa a fala do professor nos contando um pouco mais sobre o assunto em questão, da estrutura técnica da escola: *“Não, não existia não! Era o professor e a merendeira. A merendeira era merendeira e zeladora. E o professor que ia. A escola funcionava assim.”* (PROFESSORA BETÂNIA). E ainda complementando a fala do professor Alberto sobre a coordenação das escolas, ela nos informa que: *“Tinha os supervisores itinerantes, né. Eles passavam nas escolas, acho que uma vez por semana também. Em cada setor tinha um supervisor itinerante, né. Que ele ia por dia também em cada setor visitando as escolas.”* (PROFESSORA BETÂNIA).

Já ao ser questionado sobre como era o espaço físico das escolas, ou seja, a estrutura que as escolas possuíam, como sala de aulas e pátio, professor Alberto nos relata que nem todas as escolas tinham uma estrutura que suportava o seu público:

Tinha..., às vezes, não é o caso das maiores das vezes, não atendia toda a demanda, nós tínhamos que estender a sala de aula para outros locais..., vamos supor o pátio da escola, às vezes se houvesse uma procura muito grande e, e tivesse pouco espaço, nós usávamos o barracão da associação. Que normalmente as escolas eram ao lado da igreja que também era ao lado da associação local. Então se não tivesse espaço na escola, o espaço da comunidade disponível era ocupado, e dava pra trabalhar. (PROFESSOR ALBERTO)

Sobre este fato a professora Betânia em sua fala nos confirma que as escolas na época não tinham uma estrutura física adequada: “*A estrutura era bastante precárias. As escolinhas eram bem... as estruturas muito precárias mesmo.*” (PROFESSORA BETÂNIA).

Tratando agora da questão das aulas de matemática realizadas pelos professores, em nossa entrevista o professor Alberto nos conta que não se recorda muito bem, porém lembra que as aulas eram executadas de modo integral, ou seja, os alunos estudavam no período da manhã e tarde:

Olha!... eu lembro que nós trabalhávamos assim: Você chegava cedo na escola, começava a trabalhar, trabalhava o período antes do almoço, o período depois do almoço, o dia inteiro com Matemática. Eu só não vou ser preciso se nós íamos uma vez ou duas vezes por semana na mesma escola. Mas nós acabamos trabalhando da seguinte maneira: Em um dia da semana nós trabalhávamos o equivalente a 5ª série e a 7ª série, e em outro dia nós trabalhávamos a 6ª série e a 8ª série, porque se houvesse dependência, que existia nessa época, o aluno não sairia prejudicado, porque ele poderia ir num outro dia para fazer essa dependência. (PROFESSOR ALBERTO)

Em relação às aulas de Matemáticas semanais, a professora Betânia não se recorda, porém nos conta que conseguiam trabalhar a grade anual do conteúdo de Matemática da época: “*Era a grade normal, a gente conseguia fazer a grade normal. Acho que era 160 horas né, anuais.*” (PROFESSORA BETÂNIA).

Após relatarmos como era ministrada as aulas de Matemática nas escolas, requer que saibamos sobre os materiais didáticos utilizados na época do PROJAMS, se existiam ou se os próprios professores que elaboravam estes materiais. Sobre este assunto o professor Alberto diz:

Houve uma época em que nós elaborávamos uma apostila sim! (... intervenção de outras pessoas.) Olha sim, nós tínhamos elaborado um

material, eu não lembro se foi usado até o final, mais eu acredito que sim. Nós elaboramos umas apostilas, porque anteriormente nós tínhamos um material muito bom que foi trabalhado no PRÓ-JIPA do Instituto Brasileiro de Estudos Pedagógicos (IBEP), aí nessa transição... é nós resolvemos criar umas apostilas. Foram elaboradas pelos professores, e posteriormente foram impressas. Na verdade foram elaboradas sim, mas assim, foram uma coletânea de materiais que já existiam. (PROFESSOR ALBERTO)

Professora Betânia em sua fala em relação a esse assunto sobre a elaboração das apostilas nos diz que não chegou a desenvolver apostilas, pois já se tinha uma coordenação com intuito de realizar tal ato:

Não! Tinha uma coordenação que preparava né. Era por áreas de coordenação e os coordenadores que preparavam. Os professores não chegaram a preparar não, a coordenação que preparava. E tem profissional capacitado para cada área né, que eram os coordenadores, daí eles preparavam. (PROFESSORA BETÂNIA)

Podemos perceber que em sua fala em comparação com a fala do professor Alberto tem algumas divergências, que se dão pelo fato da professora somente ter começado a trabalhar no projeto a partir dos anos 2000, já se tinha um material didático elaborado pela SEMEC, caso que não aconteceu com o professor Alberto, pois no início do projeto como era período de transição do PRO-JIPA para o PROJAMS este material ainda não estava disponível para os alunos e professores, assim os professores tinham que elaborar apostilas a partir de alguns materiais já existentes.

E ainda sobre os materiais didáticos utilizados, professora Betânia nos conta que no período em que atuou no projeto a SEMEC disponibilizava módulos para que os alunos pudessem estudar:

Eram módulos! Era modular né. A secretaria fornecia o modulo pro aluno. Tinha o módulo das disciplinas. Era bem resumido, assim, o básico mesmo que o tempo era pouco né. Assim, não tinha muito tempo né. Os módulos eram o básico. O que eles precisavam mesmo, pelos dias que a gente passava em cada setor. (PROFESSORA BETÂNIA)

E por fim, desta parte em que relatamos os elementos qualitativos de nossa pesquisa, destacamos o sistema avaliativo, ou seja, como era feita a avaliação do desempenho escolar de cada aluno na disciplina de Matemática. Sobre este assunto o professor Alberto nos conta que:

Eram prova, basicamente prova! De vez em quando um trabalho, mas assim era um... a avaliação mesmo escrita. Eu até lembro...! [...] no PROJAMS nós tínhamos avaliações, mais eu acho que com dez questões, aí se o aluno não

alcançasse a nota, eu não lembro se ele iria pra recuperação ou ele tinha uma segunda prova referente aquele módulo, mas eu acho que seria assim: Se ele não atingisse a nota ele faria a recuperação e uma outra prova.(PROFESSOR ALBERTO)

A professora Betânia ainda nos diz um pouco mais sobre este assunto em sua fala: *“Olha, a gente fazia o somatório. Se né, passava o conteúdo e ia por etapas. Quantitativo né.”* (PROFESSORA BETÂNIA). E ainda nos fala que além das provas tinham outros meios avaliativos: *“Eram trabalhos, avaliações né, comportamento em sala, participação né, tudo contava.”* (PROFESSORA BETÂNIA). Em relação a estes trabalhos e participação dos alunos que eram considerados como meios avaliativos, ela nos conta que: *“(...) A gente também deixava os trabalhos pra casa. Porque também só trabalhava um dia na semana com aquela turma, só que era o dia inteiro né. E aí deixava trabalho pra outra semana, e a gente corrigia e pegava, recolhia eles.”* (PROFESSORA BETÂNIA).

Deste modo, depois de falarmos sobre os dados qualitativos de nossa pesquisa que contribuíram para a qualidade de ensino aos alunos do Projeto, iremos em seguida elencar fatos que ocorreram pós-PROJAMS.

2.4 Breve relato a *Posteriori* PROJAMS

Com o fim do PROJAMS, outro projeto foi criado o PROENCRO para se adequar a lei 9394/96 que estava em vigor que previa que a carga horária mínima passaria a ser de oitocentas horas anuais.

Art. 24 - A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns. I - a carga horária mínima atual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado a exames finais, quando houver; (Lei 9394/96).

Sobre este assunto do encerramento do projeto, a professora Betânia comenta conosco em entrevista sobre a Lei 9394/96:

Ele se encerrou porque a própria lei já mandava que fosse levado a zona rural uma educação de qualidade e integral no caso normal igual o da cidade mesmo. Regular né! Ai passou a ser regular, e foi no caso que aconteceu a polarização também né. Foi levado... foi polarizado os setores e dado mais condições com toda a estrutura, com toda a, o corpo docente, funcionários, gestão, é pessoal do serviço diverso supervisor, é diretor, isso tudo trouxe a escola... as escolas polos foram completas com o corpo funcional completo.(PROFESSORA BETÂNIA)

E como o PROJAMS era de ensino modular seriado, não mais se adequava a nova lei, então deste modo foi substituído pelo PROENCRO que era de ensino regular embora os alunos não estudassem todos os dias, e sim estudavam de 2 a 3 dias integralmente por semana. E este novo Projeto também já não era municipal, pois atendia a vários municípios do estado de Rondônia. A professora Betânia em entrevista faz um breve relato sobre este novo projeto que era de Ensino Médio e também sobre a implantação do Ensino Fundamental nas escolas após o fim do PROJAMS:

Não, trabalhei no PROENCRO não. A gente só participava, estava na mesma escola com eles. E o PROENCRO também ele teve o mesmo objetivo e tem até hoje, até hoje tem o mesmo objetivo do PROJAMS, que é dar, levar o Ensino [...] pra zona rural. [...] teve a necessidade do Ensino Médio também, acho se normalizou a questão da faixa etária, da defasagem toda né. Começou-se a se regularizar. (PROFESSORA BETÂNIA)

Em nossa entrevista o Professor Alberto, nos disse algumas coisas que marcaram sua passagem pelo projeto de forma positiva e gratificante, principalmente em relação aos seus antigos alunos, e inclusive que hoje alguns se tornaram colegas de profissão, o que é gratificante para ele, saber que as dificuldades daquela época valeram a pena.

Ah... é assim! ... graças a Deus são algumas lembranças ou muitas mas todas elas muito boas sabe!?. É... o primeiro é o fato de poder participar desse processo e depois de algum tempo você encontrar alguns ex-alunos. É... olha!... eu conclui Matemática!. Inclusive tem um ex-aluno nosso que hoje é professor no IFRO... outros alunos brilhantes assim na área que você trabalhava ou..., um rapaz pequeno, na época ele era pequeno (risos), hoje trabalha no DETRAN-RO (...), ele fez Física na UNIR. Assim! Tem vários outros, vários! Vários! Só que assim... não conseguimos pontuar todos tá. (...) Foi muito gratificante! (...). (PROFESSOR ALBERTO)

A professora Betânia também nos relata durante a entrevista alguns fatos que marcaram sua passagem pelo projeto, principalmente em relação aos alunos. Em sua fala temos:

Foi uma época boa, e eu tenho saudades. Ainda porque, os alunos ainda não tinham, era assim, era mais do sítio né, eles tinham mais com eles a questão camponesa, as tradições, os costumes que hoje estão se perdendo, com a chegada das tecnologias, das mídias, das redes sociais, está se perdendo um pouco da cultura campesina. É o sítio está se urbanizando, o campo está ficando muito urbano, e isso... é... é bom e é ruim porque eles perdem as tradições e os costumes. Estão se perdendo, está se perdendo. (PROFESSORA BETÂNIA)

E, destaca ainda com muita satisfação o fato de que um de seus ex-alunos Bacharel em Estatística pela UNIR de Ji-Paraná, chegou a participar do programa Ciência Sem Fronteiras, fato que a orgulha, por ter feito parte da construção do futuro deste e dos demais ex-alunos. Em sua fala temos:

Olha, eu sei de vários que estudaram na UNIR, fizeram Física, fizeram Estatística. Inclusive um aluno nosso de Estatística ele foi até pro Ciência sem Fronteiras. Ele fez um... foi pra Espanha se eu não me engano. Mas tem muitos alunos ai bem sucedidos da época do PROJAMS, em várias áreas profissionais. (...) É satisfatório! Aqueles que buscaram e continuaram estudando conseguiram ter sucesso e êxito. (PROFESSORA BETÂNIA)

Este projeto foi de muita importância não somente para os alunos da zona rural do Município como também para os professores que atuaram no mesmo. E temos que ainda, a UNIR de certo modo posteriormente deu sequência à formação destes ex-alunos lhes possibilitando a formação acadêmica. Como também anteriormente preparou os professores para atuar no PROJAMS licenciando-os para tal ato.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao finalizar esta pesquisa, retomo minhas memórias para destacar que o caminho que percorri, apesar de na sua grande maioria estar explicitado neste trabalho, não se pode deixar de enfatizar que foi um caminho de conhecimento que envolve o processo de pesquisa, a ação de escolher documentos, de entrevistar, dentre outros fatores. Tais vivências me proporcionaram autoconfiança e um espírito cada vez mais crítico no que diz respeito à busca do conhecimento e a realização de pesquisas futuras. E este trabalho também despertou o apreço cada vez maior na busca de contar uma História da Educação Matemática aos olhos daqueles que a vivenciaram e não se afastaram das fontes documentais para dar ainda mais veracidade aos fatos contados.

Ao nos referirmos aos elementos analisados deste trabalho, a maioria das turmas era composta por jovens e adultos, somente com o passar do tempo à faixa etária se adequou a cada série específica. Além das dificuldades dos alunos havia também as dos professores, como por exemplo, as estradas ruins e falta de infraestrutura das escolas. E mesmo assim, nota-se que o Projeto conseguiu atender a uma quantidade significativa de pessoas do município, formando-os no que no período era denominado ensino fundamental.

E em relação à análise realizada sobre os dados adquiridos ao longo de nossa pesquisa para a elaboração e conclusão deste trabalho, podemos elencar alguns aspectos que consideramos importantes. Nesta análise, percebemos que as escolas apesar de terem uma estrutura física, considerada precária a níveis de hoje, possuíam uma gama de profissionais engajados em ensinar da melhor forma possível, mesmo com as dificuldades encontradas no dia a dia. De forma que o Projeto ao final dos cinco anos analisados obteve sucesso em seu objetivo: formar os alunos das comunidades rurais a nível Fundamental de Ensino.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, P. **Entrevista I**. [jun. 2016]. Entrevistador: Beatriz Rodrigues dos Santos. Rondônia, 2016. 1 arquivo .mp3 (16:53 min.).

ALBUQUERQUE, M. G. **Da formação polivalente ao movimento da Educação Matemática: uma trajetória histórica da formação de professores de Matemática na Universidade Federal de Rondônia em Ji-Paraná (1988-2012)**. 277 f. Tese – (doutorado) - Universidade Federal De Mato Grosso, 2014.

BETÂNIA, P. **Entrevista II**. [maio. 2017]. Entrevistador: Beatriz Rodrigues dos Santos. Rondônia, 2017. 1 arquivo .mp3 (14:00 min.).

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. p. 177-222.1990.

CORDEIRO, E. M. **Travessias de Cecília: a caminho da educação matemática no CEEJA Padre Moretti - Rondônia**. 2014. 247 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123383>.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008 ISSN 1980-7031

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

HOUAISS, A. VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa**. 1 ed. Ed Objetiva Ltda. Rio de Janeiro- RJ. 2009

FERREIRA, M. M. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FERREIRA, M.M. AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. 8ª ed. Ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 2006

INEP – Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Anísio Teixeira.

INSTITUTO PHD. **Pesquisa Quantitativa e Pesquisa Qualitativa: Entenda a diferença**. Disponível em: < <http://www.institutophd.com.br/blog/pesquisa-quantitativa-e-pesquisa-qualitativa-entenda-a-diferenca/>> acessado em junho de 2017.

JOUTARD, Philippe. **História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos**. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão, et al. Ed. UNICAMP. Campinas- SP. 1990

Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**.

MARC, B. **Apologia a história ou ofício do historiador**. Tradução: André Telles. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2001

MÜLLER, M. T. **História Oral: uma estratégia utilizada no desenvolvimento de projetos**. Revista Ciência & Inovação - FAM - V.2, N.1. 2015

THOMSON, A. **Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral**. In: FERREIRA, M. M. (org.), **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

SEMED- **Secretaria Municipal de Educação do Município de Ji-Paraná – Rondônia**

RUEZZENE, G. B. **Uma História da Constituição e Caracterização da Licenciatura em Matemática no Estado de Rondônia**. Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/ebapem/trabalhos/1fbee631e71654179b736f3918ee56d5.pdf>.

ANEXO

